

MODA MARGINAL: O FUTURO É COLETIVO

Cunha, Marina Carmello; Dr^a; Universidade Federal do Goiás, marina.carmello@ufg.br¹

RESUMO

Estar em contato com a ONG Coletivo Tem Sentimento desde 2020 tem sido um campo fértil para reflexões sobre modos de fazer coletivos e alternativos aos espaços industriais e acadêmicos. Fundada em 2016 por Carmen Lopes, a ONG promove autonomia e cidadania para mulheres cis e trans da Cracolândia e arredores de São Paulo. No ateliê, aprendem a produzir roupas, peças artesanais e serigrafia, sendo remuneradas para alcançarem autonomia financeira e tomarem decisões de vida. Nesse sentido, a educação é transformadora e crucial na emancipação dessas mulheres quase sempre marginalizadas (Freire, 2004; 2005). O Coletivo Tem Sentimento não apenas ensina habilidades práticas, mas capacita as mulheres a serem protagonistas de suas histórias, quebrando ciclos de exclusão e desigualdade.

O encontro com este grupo possibilitou discussões sobre desenvolvimento de produto, educação, design e saúde em minha pesquisa de Pós-Doutorado no PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi, supervisionada pela Professora Cristiane Mesquita. Parte desse debate foi aprofundado no artigo "Design e Cuidado: Transversais afetivas no trabalho junto ao Coletivo Tem Sentimento" (2023).

Desde sua criação, o Coletivo cresceu com apoio público e privado, atendendo cerca de 70 mulheres. Esse espaço promove cuidado, reestruturação e redução de danos para usuárias de drogas, abrindo novas possibilidades de desejos e mundos. Observando seus processos coletivos e valorização das subjetividades, a coletividade se mostrou uma ferramenta de ação social, associada ao desenvolvimento de produtos "marginais" - como roupas feitas com refugos, acabamentos aparentes, calcinhas trans e acessórios para pessoas em situação de rua. Ali, o fazer coletivo vai além dos resultados tangíveis, permeando todo o processo de interação e aprendizado mútuo entre participantes (Ingold, 2023), influenciando não apenas a produção de artefatos, mas a construção de relações de cuidado e autonomia.

¹Formada em Criação e Desenvolvimento de Produto em Moda (UAM - 2009), mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA - 2014), doutora em Ciências Sociais (Unicamp - 2020) e pós-doutora em Design (UAM - 2023). É professora do curso de Design de Moda da Universidade Federal do Goiás e entusiasta das artesanias e experiências com tecidos, tingimento, modelagem, artes gráficas, desenho, vídeo e fotografia.

Inspirada por este coletivo, iniciei um projeto de pesquisa no curso de Design de Moda da Universidade Federal de Goiás para mapear grupos que trabalham com desenvolvimento de produtos de moda "marginais". O objetivo é criar um mapa digital colaborativo desses grupos, destacando suas ações e produtos para promover sua produção e articulação, investigando métodos de criação em contextos alternativos ao industrial ou acadêmico. É na busca desse design coletivo e marginalizado que caminha esta proposta de mapeamento, pretendendo fazer interlocuções com outros grupos ou organizações sociais que trabalhem com desenvolvimento de produto, além da ONG Coletivo Tem Sentimento, possibilitando a troca e divulgação de processos e projetos criativos em âmbitos marginalizados e, possivelmente entendendo como se estruturam, como lidam com as adversidades, erros e rupturas.

Assim, o segundo grupo a entrar no mapa e exemplo da potência da coletividade é o coletivo Artesanato Chave, composto por cinco jovens artesãos crocheteiros que desenvolvem bonés, chapéus e peças diversas de crochê. Originários de contextos como cárceres e periferias do estado de São Paulo, eles representam a interseção entre arte, economia e resistência social. Através de suas mãos, demonstram como habilidades artesanais podem desafiar estruturas estabelecidas e valorizar a cultura popular. Assim, a criação coletiva não se limita a um processo linear, mas é um encontro de afetos e fluxos que constantemente reconfiguram relações sociais e produtivas (Deleuze; Guattari, 1995). Esses jovens já estão trabalhando juntos há 4 ou 5 anos, se conheceram através de grupos do Facebook, onde trocavam receitas e projetos. Desde então, vendem suas peças, ensinam o crochê em oficinas na rua, em espaços institucionais como o Sesc e em grandes eventos nacionais como a Mega Artesanal e Expo Favelas. O Coletivo, segundo os participantes, quer fortalecer o crochê como potência de ancestralidade revisitada e ressignificada, agindo como ferramenta de quebra de preconceitos e difusão da cultura popular, principalmente através dos bonés, que carregam fortes estigmas sociais. Para estes jovens, o Artesanato Chave e o aprendizado da técnica de crochê abriu as portas de outros mundos, possibilitando a estruturação de novos sonhos e formas de trabalho, sendo inseridos no universo da arte, da moda e da educação. O grupo já participou do desenvolvimento de desfiles para o SPFW, cenografia para audiovisual e ações educacionais diversas. Essa articulação vem possibilitando a contínua manutenção de uma vida digna e socialmente ativa.

A pesquisa começa com o Coletivo Tem Sentimento e o grupo Artesanato Chave, buscando outros grupos em situação de vulnerabilidade ou marginalização, que trabalhem com materiais de descarte e/ou estejam localizados em territórios periféricos ou comunidades. O projeto, nomeado *DO AVESSO - mapeamento de moda marginal* pretende investigar, recolher e espalhar modos e métodos de

criar, projetar e desenvolver produtos em contextos diversos ao industrial ou acadêmico, possibilitando a reflexão sobre o aprendizado e as formas de criar que, de certa maneira, não estão inseridas nos contextos mais formais e mercadológicos de produção. Dessa forma, pretende-se desenvolver um mapa de grupos que trabalham com desenvolvimento de produtos têxteis e/ou de moda "marginais", ou seja, projetos que acolham ou sejam formados por pessoas em situação de vulnerabilidade e marginalizadas e/ou grupos que trabalhem com materiais de descarte e/ou estejam localizados em territórios marginalizados, como periferias e comunidades. O objetivo é investigar, documentar e disseminar métodos de criação e desenvolvimento de produtos em contextos alternativos ao industrial ou acadêmico, refletindo sobre aprendizados e modos de criação nesses ambientes informais.

A coletividade não é apenas um método nestes grupos, mas a verdadeira inovação social. Este modelo não convencional não só desafia as normas industriais e acadêmicas, mas também demonstra como abordagens colaborativas podem gerar impactos profundos na comunidade.

Palavras-chave: Moda marginal; Coletividade; Inovação.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, archaeology, art and architecture*. Abingdon: Routledge, 2013.

CUNHA, Marina C.; MESQUITA, Cristiane. *Design e Cuidado: Transversais afetivas no trabalho junto ao Coletivo Tem Sentimento*. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://anais.abepem.org/get/2023/DESIGN%20E%20CUIDADO-%20TRANSVERSAIS%20AFETIVAS%20NO%20TRABALHO%20JUNTO%20AO%20COLETIVO%20TEM%20SENTIMENTO.pdf>

Acesso em: 20 jun. 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

